

H
João Wilson Mendes Melo

Minha Cidade Antigamente

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MOSSOROENSE

Série "B" – Número 1540

Novembro de 1999

João Wilson Mendes Melo

SAUDAÇÃO

Minha Cidade Antigamente

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MOSSOROENSE

Série "B" – Número 1540 - Novembro de 1999

Co-edição com o Governo do Estado do RN

Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RN

Prefeitura Municipal de Mossoró

Fundação Municipal de Cultura

Gráfica do Deputado Frederico Rosado

SAUDAÇÃO

Não vale procurar outras razões quando há aquelas mais fortes do sentimento, do amor, da recordação carinhosa, motivando qualquer ação.

Chegar à cidade dos meus primeiros dias, tantos anos depois de uma ausência não permanente, pois interrompida por presenças esporádicas, e agora pelo veículo dessa mensagem escrita com algumas rimas, é motivo de júbilo.

Sou do início dos anos vinte (1921) e aqui vivi quase toda essa década, de intensos e marcantes acontecimentos que, apesar da pouca idade e talvez por conta dela mesma, como ensina a psicologia, deixou sinais que serviram para a construção da mentalidade e do comportamento, comportamentos que somente os outros podem dizer se positivos alguns e negativos outros para construção do que hoje sou, ou melhor, do que tenho sido.

Numa reflexão silenciosa, de mim para comigo, as lembranças dos homens e mulheres de quem descendi, próxima ou remotamente; de suas ações na construção da cidade, presentes um pouco e às vezes muito intensamente nas atividades e nos fatos que fizeram de Mossoró o que tem sido de prosperidade e exemplo, são de causar orgulho a quem é dado a esse tipo de atitude.

Na formação de sua agricultura, do seu comércio, de sua indústria; na vida social, na educação, na vida política, sobretudo na luta pela libertação dos escravos e na libertação da cidade do terror do banditismo que assolava o sertão, os nomes de seus ho-

mens, íntegros e lutadores, estão na memória de todos que conhecem e amam a terra em que nasceram e vivem, vencedora dos desafios naturais que lhe encham de luz e calor humano.

Nas ciências sociais, hoje, tão entrelaçadas e dependentes umas das outras, o estudo do nascimento, vida e crescimento das cidades tem merecido atenção e aprofundamento especiais, pelo que seria causa e efeito da qualidade de vida, das artes em geral incluindo a arquitetura e a vida intelectual, das aldeias às megalópolis.

Não têm sido registradas como grandes méritos de suas populações as facilidades da terra, das águas e dos climas, bem como o fato de ficarem nas encruzilhadas dos caminhos comerciais. Registram-se prioritária e essencialmente as adversidades que tiveram de ser vencidas, a aceitação e a vitória sobre os desafios que enfrentaram com destemor. É assim que os historiadores, sociólogos e antropólogos, principalmente, têm-se manifestado.

Nossa cidade, estudada profunda e minuciosamente como essas ciências requerem, como alguns estudiosos já estão fazendo, pode trazer subsídios valiosos para compreensão de como a têmpera que forjou uma população, um grupo de pioneiros pode influir ou determinar seu destino, sua grandeza.

Nossa cidade tem hoje os homens, as instituições por eles organizadas, que podem levar a uma categoria de ponta peculiar e própria, e clama por atitudes que levem ao convívio de todos o clima de uma aragem de fraternidade que cause alegria de viver

as horas de seus dias cálidos também pelo atrito das lutas políticas.

Seguem, na forma mais suave de contar histórias, o relato de alguns fatos e a lembrança de algumas pessoas. É necessário registrar que se trata de trabalhos escritos em plena juventude (já faz muito tempo!) quando entre os dezoito e os vinte anos de idade voltei à minha terra querida para rever as pessoas que depois foram chamadas por Deus e as coisas que o progresso modificou, também por Sua interferência, para melhor, com mais funcionalidade e beleza.

(* Mendes Melo é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste)

O regresso Proustiano ao chão dos Guilherme de Melo

Vingt-un Rosado

João Wilson Mendes de Melo, um dos mais eminentes professores da Universidade Federal do Rio Grande no Norte, com uma bibliografia notável sobre as muitas Histórias que tem ensinado, nasceu em Mossoró.

Filho de Mirabeau da Cunha Melo e Cândida Filgueira Mendes, neto de Manoel Benício de Melo e Maria Ericina de Azevedo Cunha, bisneto de João dos Reis Guilherme de Melo e Maria de Melo, trineto de Manoel Guilherme de Melo e Geralda Joaquina Fraga, tetraneto de Manoel Guilherme de Melo e Ana Rita, pentaneto de Guilherme de Melo e Ana Maria.

São os fundadores da raça no País de Mossoró.

Guilherme viera do agreste, em meados do século XVIII, localizando-se em Tabuleiro Grande no rio Upanema, ele era aparentado do Coronel Joaquim do Rêgo Barros de Natal e seu procurador em Mossoró.

A lição é do mestre Francisco Fausto.

Na sua juventude João Wilson escreveu os versos sobre a sua terra natal, recordando tantos fatos e tantas personalidades gravados na sua memória feliz.

São apenas quatorze poemas mas valem por duzentos, tal a beleza da linguagem e a fidelidade no evocar paisagens humanas e físicas de Mossoró.

João Wilson Mendes de Melo que ganhou renome na metrópole potiguar como professor do mais alto gabarito, volta ao chão de Mossoró para matar as saudades.

MOSSORÓ, SOB O SOL E O VENTO

Na cidade em que nasci e cresci
Quem governa e quem manda é o sol.
Faz a gente ficar ou sair para a rua,
Usar o chapéu ou tirar a camisa;
E se longo o caminho, a estrada luzidia,
Andar devagar e do lado da sombra
E dizer: que calor ! muitas vezes ao dia.

Quando chegam, no entanto, as horas mais suaves,
As tardes silenciosas, longas e serenas,
De luzes cor-de-rosa, agradáveis e amenas,
Vem o vento "nordeste" que se entrega de graça
A todos, que ameniza e logo se alegram
Quando o sentem na pele e às vezes ao vê-lo
Balançando-lhe a roupa e assanhando o cabelo.

Minha terra é feliz pelo sol, pelo vento,
Pelo homem que vence prolongado verão
E constrói bem-estar; pela luta de heróis
Que libertaram escravos, venceram Lampião
E elevaram a mulher!

Assim,
Minha terra possui do sol e do amor
O seu grande calor,
E a alegria exemplar de um trabalho constante;

Goza o beijo fraterno e bendito da aragem
Que, de longe nos vem, numa oferta de afagos,
De esperança, de sonhos do mais doce sabor,
Como o vinho que o Livro e a História se referem
E que todos consomem,
Que é santo e alegra o coração do homem.

NASCER

No silêncio do "Canto dos Filgueiras",
Cheguei ao mundo.
No meio de uma tarde quente,
Na hora em que o "nordeste" começa a soprar
E a vida se torna mais amena.

E pelo tempo que segue, pelos dias afora,
Um suave sopro de aragem
Sempre vem suavizar
Os momentos de tristes reflexões,
Dissipando-as no ar das minhas tardes.
E acontece sentir-se um conforto de lar,
De quarto tornado aurora depois daquela dor
Que logo se esqueceu,
Para abrir as janelas e uma porta bem larga
E um sorriso maior à vida que nasceu.

O SÍTIO

Era um sítio antigo
À margem do rio,
À margem da cidade,
Tão à margem da vida
Que lhe chamaram "o canto".

Era o sítio, "o canto", o lugar
Mais quieto da redondeza quieta
Que merecia a presença de um poeta
Que o viesse cantar.

Mas cansou de esperar.
A cidade crescendo, o solar esmagou
E, em pedra e cal, pelo homem se expandiu
E se uniformizou.

De tal sorte impossível hoje, saber
Onde era, onde estava o solar que ali viveu,
E em que canto da terra ou do céu
Novamente se ergueu.

O GAROTO NA CHUVA

Era tarde e chovia.
O vento "nordeste" jogava
Na fachada das casas e no corpo da gente
A água que do céu caía.
No caminho de casa, um abrigo qualquer
Enquanto durasse a chuva
E eu pudesse, de novo, caminhar.

Meu pai, que viu de longe,
Comprou um guarda-chuva e mandou me entregar

Não foi este o primeiro,
E muito menos o último,
Dos gestos que ele fez,
A proteger-me, na vida,
Dos maus tempos que surgem invariavelmente,
Das garoas finas e das tempestades.
Com um gesto amigo de doar,
Às vezes de apenas falar
E setenta vezes mais de perdoar.

MEU TIO-AVÔ

Ah! a fumaça do charuto do meu tio-avô!
Não senti pessoalmente seu fragor,
Mas contaram-me com tal minúcia e amor
Que milagrosamente percebo seu perfume no ar
E chego a sentir as saudades
Que os perfumes despertam ao fazer acordar
Os bons momentos da infância e das outras idades

Diziam-me que era ao sol poente,
Quando voltava à casa,
Do trabalho que exercia devotadamente.

Como guardavam na memória seu vulto esbelto,
a fumar!
Na compensação simples e modesta
Da liça insana, mas tranqüila...

Cheguei à vida depois de sua morte,
Mas ele vem a mim, quando estou tranqüilo.
Quando, à tarde, sinto no ar
O perfume do charuto a queimar
E ouço, ao longe do tempo,
As histórias que às vezes cansava de ouvir
E que hoje, tardiamente, desejo inutilmente
escutar,

Com a cabeça sobre o colo amigo
 Que me legou para sempre
 O imenso prazer de recordar.

CHUVA TROPICAL

Quando as chuvas chegavam-
Fartas, abundantes, tempestuosas -,
Depois de se fazer esperar
Longos dias, longas noites,
De olhar para o céu,
A vida renascia.
Fazia brotar o alimento da terra
Sobre a qual muitas vezes descia,
Em espesso e longo véu,
Um rendado brilhante de água e luz
Na fraternidade da chuva e do sol.

E o sorriso aflorava, aberto, a iluminar,
As faces enrugadas dos velhos do lugar.

Para nós, crianças, desses tempos distantes,
O importante era correr,
Molhar o corpo e a alma
Nas calçadas da Igreja ou do Mercado
Ou das casas maiores,
Nas águas que, lavando os telhados,
Nos lavavam também em profusão, de jato,
Despencados do alto.

Era a confraternização da infância
Em momentos de rara liberdade,
Na rua, ao ar livre, entregue à tempestade.
Na coragem viril da mocidade.

MEIO-DIA

No calor de um sol luminosamente escaldante,
Neste claro sertão destas plagas do oeste,
O alpendre da casa é um paraíso.
E o repouso ameno que refaz e alegra
É quebrado pelo canto solitário de um galo
Muito longe, perdido na deserta distância:
Talvez para dizer que há vida
E que nem tudo parou
A esta hora iluminada do dia.
E, à sombra do alpendre,
Pelos sons daquele canto,
Vem juntar-se uma sombra maior
De saudade e tristeza.
As lembranças revivem tudo que passou,
E maltratam demais, à exaustão e à dor...
Até que se dissipem, poucas horas depois,
Numa compensação natural e silvestre,
Na musicalidade que vem numa brisa da tarde,
Num vento suave e doce que se chama "nordeste".

A HERANÇA

À tardinha, meu pai chegou.
Na cabeça, um chapéu novo,
Debaixo do braço o embrulho do antigo chapéu.

Colocou o primeiro no cabide
E disse para entregar o outro tão usado
Ao preto fiel e bom que nos servia
Como o melhor devoto serve a Deus.

E eu, menino, perguntei:

— Meu pai, quando o senhor morrer

Este chapéu novo será meu?

Riram todos, então.

É que eu, menino,

Não poderia distinguir, como poucos adultos,

Que os bens que nos fascinam

E nos cobrem a cabeça

Não valem a cabeça amiga

Que, de bondade e amor,

Por nós sofrerá tanto

Que transformada em alvura de neve,

Será para nós uma bandeira branca,

O sinal e o pedido

De uma vida de paz.

A INFÂNCIA E O TERROR

Quantas vezes ouvi, alarmado e sofrendo,
 As expressões que amigos na infância
 Ouviam dos pais, com implacável constância:
 – Engula o choro!
 – Vou lhe trancar no quarto escuro!
 – Vá buscar a palmatória!
 – Vá buscar o relho pra apanhar!
 – Peça perdão de joelhos;
 Assim não. De joelhos e chorando!
 – Escreva cem vezes: eu sou ruim, teimoso;
 Meus pais são bons!
 – Hoje você não janta,
 Vai dormir com fome pra aprender!
 E a noite era longa, me contavam.
 Os fantasmas vinham no silêncio e no choro abafado.

Gozei o privilégio que não posso esquecer:
 Meus pais não me falaram assim.
 Por que fui bom? Menos a verdade!
 Talvez merecesse tudo isso e ainda mais
 Se eles não fossem de perdoar
 E, no desejo de amar, se unissem.
 A esperar
 Que a palavra e o exemplo construissem

PRETO VELHO NÃO MENTIU

Preto velho, querido,
Foi criado em nossa casa.

Homem feito, saiu, numa manhã,
Com um saco às costas, contendo a rede
E umas mudas de calça e camisa.

Foi levado pelos ingleses
Para trabalhar num açude
Que o governo brasileiro mandou construir.

Preto velho se foi,
Tão bom, tão pacato e prestativo.
Todos o queriam bem e sentiram saudades.

Tempos depois, numa tarde, voltou.
Como estava diferente!
Cheirando a álcool, contando vantagens.
Até dizia umas palavras em inglês,
Entortando a boca e quase se engasgando.
Falava dos ingleses que o trataram bem,
Que lhe deram tudo: bebida,
Comida e conforto e mais bebida
Cujos nomes pronunciava errado.

E falava, e falava
De inglês, de festa, de bebida.
— Vicente, e o açude? perguntaram-lhe, então,
E de pronto, sem pensar, sem duvidar, respondeu:
— Não vi falar, inhor não.

Preto velho era bom,
Aprendeu a beber, já não era tão bom.
Os ingleses se foram pelo mar em que vieram.
Do açude nunca mais se falou.
Preto velho era bêbado,
Mas não mentiu, não senhor!

HAJA PAU! HAJA PAZI!

Em dias daquele tempo
Aconteceu que soldados
Do exército nacional
Acampavam na cidade,
Por treinamento de praxe
Ou outra necessidade.

E por motivo qualquer,
Por desejo de confronto
Ou por causa de mulher,
Os soldados entram em choque
Com os homens de um bom senhor
Da família dos Figueiras.
E lutam com destemor:
Um pelotão bem armado
Contra alguns descamisados
Com armas de matar cobra,
Com cacetes e varas
E na cintura, a peixeira.
Sob as ordens e o comando
Do seu amado patrão
Que era nobre capitão
Da Guarda Nacional
E que gritava "haja pau!"
Aos cabras enfurecidos

Que lutavam destemidos
E a ocorrência, sendo grave,
Teve tudo registrado
E logo comunicado
Aos chefes da Capital
Que chamaram o capitão
Para um Conselho de Guerra,
Como autor de um grande crime
Contra a pátria e a nação.
E o capitão acusado
De insuflar com o "haja pau!"
A agressão aos soldados,
Usou sua inteligência
Sem ouvir advogado:
"Não, senhores, na refrega
Sem querer sangue, jamais!
Eu gritei aos meus e a todos:
Meus amigos, 'haja paz!'"

LAMPIÃO, LAMPIÃO, APRENDESTE A LIÇÃO?

Mossoró te esperou, sem medo, e te venceu
Com as armas da caça e com alguns fuzis,
E fez acontecer, como nunca acontecera:
O pavor visitar o teu bando que prosseguir não quis.

Vinham tiros das ruas, dos becos e vielas,
Vinham tiros dos tetos, de todas as janelas,
Vinham tiros do alto das torres das igrejas,
Com a firmeza feroz que a coragem contém.
E pensaste que os santos atiravam também.

E então ordenaste o regresso veloz
De teus homens, menos dois que ficaram
Como troféus de honra dos que te venceram,
Na histórica lembrança,
Trazendo novamente à cidade pacata e laboriosa
A paz
E a antiga bonança.

Sob as ordens e o comando
Do seu amado patrão
Que era nobre capitão
Da Guarda Nacional
E que gritava "heja pau!"
Aos cabras enfurecidos

MARIA FELIZ

Maria da Assunção Feliz
Era casada com Pedrão,
No Padre e no Juiz.
Ela era simples e boa,
Bondade de alma e coração.

Conformada em ter seu homem
Só nos fins de semana,
Quando ele voltava da salina,
Com o corpo cansado e a vista vermelha
Da luz e do sol da grande piscina
Que a água do mar represava
E retinha até que o calor
E o solo poroso no ar a dissipava,
Deixando o que seriam logo mais
Fantásticas pirâmides
Do produto tão branco e precioso
Que o Brasil inteiro salgaria
Dando nova pureza ao alimento
Que um sabor mais gostoso conteria.

Pedrão tinha no ombro direito
Um enorme carço
Causado pelo peso do sal que conduzia

Dias seguidos e nas noites de luar,
 Da colheita natural para aquela arquitetura
 Das múltiplas pirâmides que erigia.

Quando Pedrão se foi na madrugada chuvosa,
 Na hora em que antigamente partia para os dias de luta,
 Maria Feliz nunca mais foi feliz
 E a saudade da vida que viveram os dois
 Fez com que ela partisse pelo mesmo caminho
 Pouco tempo depois.

SE ELE VOLTASSE, UM DIA...

Dizia uma canção, naquele tempo,
Na minha cálida e tépida cidade:
"Se ele voltasse um dia,
Grande era o meu prazer e a minha alegria"

O autor ou autora que não conheci, escreveu
Falando do amor que se foi e morreu.

Ouvindo, hoje, os seus sons vindos da voz amiga
Que a minha infância tanto enterneceu,
Vejo a cidade, sinto o seu calor
E a lembrança desse tempo é quase uma dor.

Ah esse tempo! Se ele voltasse, um dia,
Com ele também voltaria
Seu labor, sua dor, sua antiga tristeza
E a graça maior de alguma alegria.

SE ELE VOLTASSE, UM DIA

De colheita natural para aquela aquarela
Das múltiplas pirâmides que ergia

Dizia uma canção, naquele tempo
Na minha cidade e tantas outras
Na hora em que ele voltou
Grande era o meu pesar e a minha alegria
E a saudade a
O autor eu autora que não conheço
Falando do amor que se foi a mártir, o amor

Ouvindo, hoje, os seus sons vindos da voz amiga
Que a minha infância tanto entendeu
Vejo a cidade, sinto o seu calor
E a lembrança desse tempo é quase uma dor

Ah esse tempo! Se ele voltasse, um dia
Com ele também voltaria
Seu labor, sua dor, sua antiga tristeza
E a graça maior de alguma alegria



